

# FIOS E FUROS DO ATO DE ALFABETIZAR: A FORMAÇÃO DO LEITOR EM FOCO

**Rosângela Veiga Julio Ferreira\***  
rosangelaveiga.ferreira@ufjf.edu.br

**Jeniffer de Souza Faria\*\***  
jenffersouza@ig.com.br

\*Doutoranda e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora efetiva do Colégio de Aplicação João XXIII em Juiz de Fora. Coordenadora do Projeto de pesquisa de Iniciação Científica "Desafios do ato de alfabetizar: como formar sujeitos leitores? que fundamenta este relato de experiência.

\*\* Especialista em Psicopedagogia (Faculdade Estácio de Sá/JF). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Monitora do projeto de extensão do Mais Educação na Escola Municipal Quilombo dos Palmares (PJF). Pesquisadora do projeto de Iniciação Científica que fundamenta este relato de experiência.

## Os primeiros fios

*"Eu quero aprender a ler e escrever".*  
Sarah<sup>1</sup>

O objetivo deste texto é apresentar uma experiência acadêmica de formação permanente (FREIRE, 1996), que possibilitou refletir sobre a constituição do leitor a partir de atividades com vistas à compreensão da cultura escrita, à apropriação do sistema de escrita, à leitura, à escrita e à oralidade de forma entrelaçada<sup>2</sup>.

Dezoito alunos e uma marca desenhada na trajetória escolar: "não aprendeu a ler". Marca um, obtida no primeiro ano de alfabetização. Marca dois, no segundo ano de escolaridade. Marca três... O que fazer? Estariam estes alunos condenados a tal estigma? Por quanto tempo?

Foi pensando em romper com esta territorialidade marcada pelo contato com a língua falada e escrita que nós, pesquisadoras, buscamos colocar em prática o que aprendíamos na faculdade de Pedagogia e no grupo de estudos,

---

<sup>1</sup> Fala inicial da aluna atendida no contraturno do projeto de pesquisa, financiado pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) e desenvolvido na escola municipal Quilombo dos Palmares, localizada no bairro Sagrado Coração de Jesus em Juiz de Fora, que funciona nos períodos da manhã, intermediário, tarde e noite atendendo, aproximadamente setecentos alunos. Informamos ao leitor que, mesmo tendo autorização dos pais e da instituição para divulgação da pesquisa, optamos por apresentar nomes fictícios dos alunos e professores e as respectivas falas em itálico.

<sup>2</sup> Conforme estudos divulgados pelo Centro de Alfabetização, leitura e escrita (CEALE/UFMG), na coleção Instrumentos da Alfabetização.

viabilizando o acesso a gêneros textuais e desenvolvendo trabalhos aparentemente simples, amplamente divulgados nas esferas acadêmicas. Qual seria então o motivo que nos levou a dividir com os colegas, na forma de relato, essa experiência? Haveria alguma novidade no processo de alfabetização e letramento? Depende da concepção de inovação que o leitor possui, pois o que fizemos foi tentar ver esses alunos a partir de um ângulo diferente: o das possibilidades. A partir de onde? Da visão que já haviam construído e, principalmente, da que poderiam construir a partir das relações que estabelecessem com a cultura escrita. Marília Amorim (2001) nos diz que é preciso pensar os dados de uma pesquisa, que aqui concebemos como palavras molhadas de vida que permitem a nós, como pesquisadoras, formar a trama que constitui o tecido do ato de alfabetizar, focalizando o singular no espaço do qual emergem essas informações. Nesse movimento, faz-se necessário “compreender os sujeitos envolvidos na investigação para, através deles, compreender também o seu contexto” (AMORIM, 2001, p. 27).

O que impulsionou a pesquisa foi a possibilidade de pensar em tecer a alfabetização de forma sistematizada, a partir do movimento de escuta que emergia das relações cotidianas com as crianças e com o espaço em que estavam inseridas. Nesse movimento, percebemos que teorias que sustentam uma visão de alfabetização numa perspectiva de letramento (SOARES, 1999; SIGNORINI, 2006) encontraram eco nas relações cotidianas, desmistificando a ideia do distanciamento teoria e prática e, mais do que isso, viabilizando um lugar de significação para as práticas de leitura e escrita num universo marcado pela reprovação e pelo fracasso.

Nas próximas linhas deste relato, será possível perceber as fissuras e os entraves na escola onde a pesquisa ocorreu, bem como a fundamentação teórica que sustentou ações e análise das informações obtidas, uma breve descrição das atuações que consolidaram a nossa experiência frente ao desafio de formar sujeitos leitores e, finalmente, algumas considerações sobre a avaliação dos resultados.

## O mapeamento da investig(ação): fios ou furos?

Considerada como uma das mais importantes instituições da nossa sociedade, a escola pode ser entendida como o espaço no qual a criança experimenta novas experiências com a aprendizagem, as quais são, frequentemente, decisivas na formação da visão que a criança tem de si mesma como parte da sociedade (BETTELHEIM, 1984).

Imbuídas desta concepção de escola, diagnosticamos, por meio da análise inicial dos dados apresentados pela instituição, que os estudantes do universo investigado apresentavam um quadro de significativa falta de interesse pela leitura, forte resistência (consciente e, talvez, inconscientemente) de tentarem se apropriar do conhecimento, e a constatação da ausência de domínio da leitura e escrita.

Assim, a partir desse quadro, o projeto de Iniciação Científica "*Desafios do ato de alfabetizar como formar sujeitos leitores?*" propôs, através da coordenadora pedagógica que à época atuava como professora do CES/JF, uma prática alfabetizadora em três turmas do 2º ano do Ensino Fundamental, com o objetivo de modificar o quadro que se apresentava nessa escola: altos índices de evasão e repetência nestas turmas, que gerou, ao lado de outros problemas, por dois períodos consecutivos, baixo rendimento no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) – e compreender sentidos atribuídos pelas crianças ao ato de ler e escrever.

A equipe diretiva e a maioria dos profissionais da escola se abriram para refletir sobre as suas práticas alfabetizadoras, mas, mesmo imbuídos desse espírito investigativo, muitos foram os desafios: o espaço, a disponibilidade dos pesquisadores voluntários, a participação da comunidade escolar e, principalmente, o envolvimento dos pais desses alunos e a postura de duas das três professoras-referências das turmas investigadas.

## O percurso de formação dos leitores da Quilombo: fios que se entrelaçam

As atividades se iniciaram em fevereiro de 2010 com a aplicação de uma Avaliação Diagnóstica<sup>3</sup> com vistas a, inicialmente, mapear e, posteriormente, trabalhar os diferentes processos de apropriação da língua escrita. Após a consolidação da análise das informações obtidas nessa avaliação individual, houve uma reunião entre orientador, pesquisadores e professoras-referências das turmas para dialogarmos a respeito dessas observações e traçarmos ações coletivas tanto para o contraturno, que ficaria sob a responsabilidade das pesquisadoras, quanto as do turno. Nesse momento, foram definidos os critérios de escolha dos alunos que seriam atendidos semanalmente no contraturno<sup>4</sup>.

O que decidimos juntas é que deveríamos instituir uma prática alfabetizadora que incluísse os alunos que não conseguiram ser aprovados nos dois últimos anos, buscando ouvi-los e pensar as ações a partir das descobertas que eles fossem instituindo, no caso do contraturno, e alimentando as professoras-referência com as observações que emanassem do campo. Nesse ínterim, optamos pela inserção do trabalho literário, com vistas a proporcionar momentos de contação de histórias, explorando a oralidade e a escrita espontânea. Paralelo a essas ações, buscamos sistematizar, por meio do contato com o alfabeto móvel, situações nas quais os alunos eram desafiados a pensar sobre os problemas suscitados pela escrita.

Trabalho árduo e denso foi se desenhando e fios foram dando forma à tessitura que os desafiava a pensar sobre a alfabetização. O fio que ora puxamos é o que a professora-referência do 2º ano Verde teceu quando não só aceitou as sugestões das pesquisadoras como trouxe outras, que colaboraram com a

---

<sup>3</sup> As ações do projeto foram sustentadas pelas observações dos pesquisadores que emanavam das avaliações, e perpassaram as atividades cotidianas, fornecendo, preciosas informações para pensar o processo de alfabetização de cada um dos dezoito alunos.

<sup>4</sup> A escolha das crianças para atendimento no contraturno decorreu, inicialmente, pelos alunos repetentes por dois anos ou mais, conforme sinalizado na introdução deste relato, e que se encontravam em diferentes níveis de apreensão da leitura e da escrita. Posteriormente, a professora estendeu o convite a outros alunos que não atendiam necessariamente ao critério da repetência, mas que se encontravam em fases nas quais a intervenção se fazia necessária, ampliando, de doze para, em muitos dos encontros, dezoito o número de alunos.

sistematização do processo de leitura e escrita dos alunos do contraturno e os da turma em questão, como por exemplo, o “Diário das Férias”, que foi proposto pela professora Elvira de Souza Lima no encontro do qual a professora-referência dessa turma participou<sup>5</sup>. Nesse trabalho, as crianças deveriam registrar por meio de desenhos, palavras ou frases o que viveram nas férias.

O mesmo não podemos afirmar em relação às outras duas professoras que revelaram em suas práticas pedagógicas a concepção de alfabetização centrada no gênero cartilha e ausência quase total de escuta não só das sugestões advindas dos pesquisadores como também dos alunos. As pesquisadoras passaram a atuar nos entrelugares da prática dessas professoras-referência, ou seja, por meio das ações das colegas que respondiam pelas disciplinas de Educação Física, Informática e Projeto<sup>6</sup>. O olhar das pesquisadoras foi de compreensão ao quadro que se desenhou pelas repetidas ações das duas professoras-referência, que não tiveram opção de escolha, uma vez que eram contratadas e a “vaga que sobrou” foi a turma do segundo ano e ambas foram objetivas ao dizer que preferiam trabalhar com crianças maiores, que já fossem alfabetizadas. Essa colocação das professoras aponta para uma concepção de formação do leitor que entende a alfabetização apenas como domínio do processo de codificação e decodificação. Tal perspectiva desconsidera, a nosso ver, uma prática pedagógica voltada para o letramento que, de acordo com os estudos de Soares (1999), Ferreiro (1991) e outros<sup>7</sup>, consolida-se no decorrer

---

<sup>5</sup> A professora Elvira de Souza Lima atua junto à rede municipal de ensino de Juiz de Fora, prestando assessoria acadêmica no processo de alfabetização de algumas escolas por meio de reuniões de estudo periódicas com coordenadores pedagógicos e professores e ações de intervenção.

<sup>6</sup> Como o professor da rede municipal possui uma carga horária de 15 horas semanais, um dia da semana é reservado para a professora que, na referida instituição, desenvolve um projeto de Leitura e Jogos que atende aos objetivos propostos nessa pesquisa: o de articular leitura, escrita, oralidade, valorização da cultura escrita e apropriação do sistema de escrita, a partir das situações que emanarem do cotidiano com base na escuta atenta dos significados atribuídos pelos alunos ao ato de ler e escrever.

<sup>7</sup> Importante destacar que há uma distinção de cunho conceitual sobre a forma como Soares (1999) e Ferreiro (1991) concebem a alfabetização. Para Soares, alfabetização, colocada no plano técnico, corresponderia ao domínio do processo de codificação e decodificação. Letramento, por sua vez, ao uso social da leitura e da escrita, discutindo a questão de que a alfabetização ocorre pelo entrelaçamento dos dois processos. Para Ferreiro, o conceito de alfabetização abarcaria as duas dimensões discutidas por Soares, ou seja, seria não apenas a aquisição de uma técnica, mas seu uso social em que a cultura escrita se constituiria como o foco de inserção nas discussões da sociedade. Percebemos que, embora haja, nas abordagens, diferenças de cunho epistemológico, ambas defendem o mesmo aspecto: é preciso dizer não a uma alfabetização desvinculada da

dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Perspectiva esta que visa compreender o que se lê na escola e para além dela, possibilitando situações nas quais as crianças possam realizar inferências, refletindo sobre intencionalidades dos textos, espaços de experiência dos autores e outros fatores que permitam uma concepção crítica do que circula nas esferas sociais (SIGNORINI, 2006). Essa visão das professoras sobre a alfabetização representa um problema? Não. Vários problemas. Foram furos que romperam aparentemente o tecido e delinearum um quadro preocupante: quem é o professor que atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental nas escolas públicas: aquele que realmente deseja e tem formação para essa função ou aquele que é designado para tal, politicamente falando.

Sabe-se que é difícil pensar em mudança quando se tem consciência de que a grande ordem vigente nos dias atuais gira em torno da sociedade do conhecimento, que está centrado nas mãos de uma minoria. No entanto, acreditamos ser preciso pensar na possibilidade do fortalecimento da educação por meio de ações político-administrativas em diálogo com o cotidiano escolar. Com esse pensamento, os pesquisadores buscaram organizar em toda a escola a criação de um ambiente alfabetizador, que foi desde a reorganização da brinquedoteca até a reativação da biblioteca da instituição<sup>8</sup>. Esta última só ganhou corpo quando a Secretaria Municipal concordou em ceder dois professores da instituição para trabalhar nesse espaço de formação do leitor. Movimento que gerou reflexos e refrações até no horário do recreio, com a inserção de atividades lúdicas e artísticas para as turmas do 2º ano, sendo estendidas a outras turmas e até aos outros turnos.

Outro furo foi relevante no início da pesquisa: a não compreensão por parte das famílias sobre o que significava o projeto e como as crianças poderiam ser alfabetizadas a partir das intervenções do turno e, principalmente, do contraturno. Durante mais de um mês havia na escola aproximadamente oito pesquisadoras e apenas a aluna Sarah (8 anos) participava das atividades. Foi necessária a intervenção da Direção que sugeriu o envio de um bilhete, explicando que se tratava de aula de reforço para que os pais enviassem os

---

realidade do aluno e que não possibilite reflexões críticas e que esse processo se dá ao longo do contato das crianças com os diversos gêneros textuais que circulam na sociedade.

<sup>8</sup> A biblioteca estava desativada há mais de três anos, por falta de funcionários.

alunos. Após um período de frequência, marcamos uma reunião, explicamos que se tratava de uma pesquisa e solicitamos autorização. Todos os pais assinaram e continuaram trazendo os filhos para a intervenção. Com mais essa frente de trabalho instituída, partimos para ações outras.

O segundo semestre foi marcado por algumas modificações no que se refere às estratégias de ensino do projeto de Iniciação Científica. O número de alunos atendidos no contraturno aumentou novamente, bem como a frequência com que esses encontros ocorriam, sob a tutoria de uma professora indicada pela escola, em diálogo com o projeto Mais Educação<sup>9</sup>. Os pesquisadores tiveram uma frente de trabalho também no turno da tarde com as crianças que frequentavam o da manhã, sistematizando o processo de alfabetização. No tecido se desenhava a figura de alunos que poderiam consolidar práticas de leitura e escrita, deixando para trás o rastro da repetência. O que poderíamos ainda fazer para conseguir alcançar esse objetivo?

Optamos por realizar, em setembro, uma Avaliação Formativa com vistas a verificar o progresso dos alunos atendidos no contraturno, no primeiro semestre. Esse movimento proporcionou um importante *feedback* tanto para os pesquisadores quanto para os professores-referências identificarem o processo de aprendizagem dos alunos e aspectos da prática docente, como métodos, adequação do conteúdo, capacidade de envolvimento dos alunos e outros (CAEd, 2009).

As sugestões de trabalho desenvolvidas no próprio turno foram discutidas no grupo de estudos, e tiveram como principal objetivo consolidar as relações reflexivas que envolveram a construção da ideia de texto, palavra, sílaba e letra. Atividades que possibilitassem à criança pensar numa determinada palavra, estabelecendo relações de aproximação e afastamento das convenções instituídas culturalmente<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> O Programa Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 visa fomentar atividades para melhorar o ambiente escolar. A área de atuação do programa foi demarcada inicialmente para atender, em caráter prioritário, as escolas que apresentam baixo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), situadas em capitais e regiões metropolitanas (Fonte: portal.mec.gov.br)

<sup>10</sup> A concepção de letramento e alfabetização que sustenta a nossa prática perpassa pelas teorias discutidas por Soares (2004) e Lemle (2007).

Para efeito ilustrativo das atividades aplicadas, apresentamos o trabalho que realizamos com a cantiga Marcha Soldado. Primeiramente, o trabalho foi individual e a criança teve oportunidade de refletir sobre o conceito de palavra, visualizar os espaços entre elas, quantidade, fazer relação fala/escrita através da música. Na sequência da atividade, a pesquisadora possibilitava reflexões acerca da identificação, como num quebra cabeça, dos lugares das palavras, tomando como referência uma cantiga que já sabiam de cor.

Os resultados dessa atividade foram positivos, em ambos os momentos, pois mesmo sem dominar a fluência da leitura e/ou reconhecer todos os fonemas que foram apresentados, pôde-se perceber que as crianças, mediadas pelo pesquisador, colocaram em relação seus conhecimentos sobre a língua e refletiram - a partir da situações problematizadas - sobre tamanho da frase, som das letras iniciais, sonoridade da quadrinha e outros - colocando em dúvida ou confirmando hipóteses sobre a leitura e a escrita .

As atividades propostas, até o final de novembro, partiram da premissa de tentar trabalhar de forma lúdica o ato de ler e escrever, para que os alunos se envolvessem nelas, vencendo os desafios.

Como ação complementar, no mês de dezembro, aplicou-se a Avaliação Somativa nos alunos que compunham as três turmas de 2º ano do Ensino Fundamental na escola investigada. A aplicação desta avaliação, que ocorre sempre ao término de uma intervenção com a finalidade de verificar o que efetivamente o aluno aprendeu, nos permitiu analisar, de forma sistemática, os avanços dos sujeitos. De acordo com os resultados, podemos observar que do quadro inicialmente apresentado na Avaliação Diagnóstica, houve significativo progresso dos alunos.

### **Avaliação dos resultados: desenhos tecidos**

*Quer ver? Eu já sei ler!*  
Zezinho

Abrimos esse item com os dados obtidos no campo com a fala de Zezinho (10 anos), - um dos alunos que frequentou os atendimentos no contratuno indicado pela professora por estar dentro do quadro de sucessivas repetências e que até o final do ano letivo alcançou o nível alfabético.

Nossa função agora é a de apresentar ao leitor os dados das avaliações realizadas no decorrer do projeto, com vistas a visualizar o movimento ocorrido nas três turmas, por meio da observação das informações apresentadas no quadro, a saber:

Nível de Escrita	Dados Diagnóstica 2º Verde	Dados Somativa 2º Verde	Dados Diagnóstica 2º Amarelo	Dados Somativa 2º Amarelo	Dados Diagnóstica 2º Azul	Dados Somativa 2º Azul
Pré-silábico	14	6	15	4	17	8
Silábico	3	7	4	6	1	4
Silábico-alfabético	4	4	3	5	4	4
Alfabético	3	4	2	3	3	3
Alfabético ortográfico	2	3	1	0	0	0
Total de alunos avaliados	26	24 <sup>11</sup>	25	18 <sup>12</sup>	25	19 <sup>13</sup>

QUADRO 1: Sistematização dos dados dos 2º anos

A análise desses dados apontou uma significativa melhora no desempenho dos alunos desde o início do ano letivo, conforme apontamos anteriormente, quando ocorreu a Avaliação Diagnóstica. Fato que reflete os esforços do trabalho interdisciplinar dos professores e das pesquisadoras voluntárias. Informamos, todavia, que as discrepâncias no número de alunos atendidos nas avaliações são

<sup>11</sup> No decorrer do ano letivo três alunos foram incorporados a classe do 2º ano Verde e quatro foram transferidos. No período em que a avaliação Somativa ocorreu, apenas um aluno não compareceu. Nesta turma, portanto, até o final do ano letivo haviam 25 alunos matriculados, dentre os quais 5 foram retidos.

<sup>12</sup> No decorrer do ano 2 alunos foram incorporados a classe do 2º ano Amarelo e 3 foram transferidos. No período em que a Somativa ocorreu, 6 alunos não compareceram à aplicação da avaliação. Nesta turma, até ao final do ano letivo somavam 24 alunos matriculados, dentre os quais 7 foram retidos.

<sup>13</sup> No decorrer do ano 2 alunos foram incorporados a classe do 2º ano Azul e 2 foram transferidos. No período em que a avaliação Somativa ocorreu, 6 alunos não compareceram e 1 abandonou a escola. Nesta turma, portanto, até o final do ano letivo haviam 24 alunos matriculados, dentre os quais 2 foram retidos.

explicadas quer seja pela ausência consecutiva no período de aplicação das provas<sup>14</sup>, quer seja por transferência ou por abandono no final do ano letivo.

Diante das informações apresentadas neste subitem do relato, por meio do quadro, podemos afirmar que o significativo progresso se refere ao processo de apreensão e apropriação do sistema de escrita, a compreensão do uso social da língua, o desenvolvimento da oralidade e o domínio das sílabas canônicas, tanto dos alunos atendidos no contraturno quanto daqueles que não receberam influência direta do projeto. No entanto, a fluidez da leitura ainda está em processo de consolidação, embora os alunos dessa instituição pública tenham ampliado de forma significativa o acesso a diferentes gêneros textuais.

Em linhas gerais, podemos afirmar que a intervenção das pesquisadoras na escola Municipal Quilombo dos Palmares influenciou diretamente na formação dos leitores, bem como das futuras profissionais que puderam experienciar, antes mesmo de concluir sua formação inicial, os desafios do ato de alfabetizar. Informamos, todavia, que muitos ainda são os problemas a serem enfrentados para que a alfabetização, tal como a pesquisa vem cotejando, seja consolidada.

### **Considerações finais**

Sarah, que desejava ler e escrever, penetra no espaço-tempo da leitura envolta pelas vozes que a circundaram. Vozes que buscaram intervir de forma diferenciada e promover, além do conhecimento dos sons e das grafias, o sentido para as palavras que formam o mundo. “Quer ver? Eu já sei ler!” Retomamos a colocação de Zezinho para reiterar a tese que aqui defendemos: é necessário criar espaços de escuta durante o processo de alfabetização para que os alunos, a partir das relações estabelecidas neste local privilegiado, usem a livre criatividade para atribuir significados para o ato de ler. Já conhecemos muitos caminhos para a inserção do aluno nos espaços das letras, cabe a nós, professores-alfabetizadores, instituir movimentos singulares na pluralidade que abarca o universo das letras. Para ilustrar essa defesa descrevemos para o leitor o movimento empreendido no final do ano quando Zezinho escreveu, de forma autônoma, uma carta ao “Papai Noel”, que foi enviada para o correio pela escola.

---

<sup>14</sup> A referida avaliação Somativa foi aplicada no período de dois a sete de dezembro de 2010.

Nela, o aluno pede de presente de Natal uma cesta básica e é contemplado com o presente.

A alegria de Zezinho e Sarah por tecerem textos cheios de sentido faz dos dados desta pesquisa palavras molhadas de vida. Palavras que desenham os fios, costumam os furos deixados por práticas pedagógicas que negam o sujeito. Fios que tecem, desenham e formam leitores, permitindo que o ato de entrar no mundo das palavras não seja uma dádiva de poucos, mas, sobretudo, a realidade de muitos.

## Referências

AMORIM, Marília. *O Pesquisador e Seu Outro Bakhtin nas Ciências Humanas*. Editora Musa. 2001.

BETTELHEIM, Bruno. *Uma vida para seu filho*. São Paulo: Artmed, 1984.

Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora - CAEd/UFJF. *Jovem de Futuro: boletim pedagógico | avaliação da educação – matemática*, 2009.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1991.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

LEMLE, Mirian. *Guia Teórico do Alfabetizador*. 17 ed. São Paulo: Ática, 2007.

SOARES, M. *Letramento e Alfabetização: as muitas facetas*. In: Revista Brasileira de Educação Nº 25, jan/fev/mar/abr, 2004.

\_\_\_\_\_. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SIGNORINI, Inês (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2006.

**Enviada em 16 de fevereiro de 2011**

**Aprovada em 8 de abril de 2011**